

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA**

**Curso de Psicologia**

**CARLA SALLES CASTRO**

**LARISSA RENATA CLEMENTE DE SOUSA**

**O BRINCAR: COMPREENDENDO SEU PAPEL NO  
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO INFANTIL**

**Campo Limpo Paulista**

**2021**

CARLA SALLES CASTRO

LARISSA RENATA CLEMENTE DE SOUSA

**O BRINCAR: COMPREENDENDO SEU PAPEL NO  
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel, pelo curso de Psicologia do Centro Universitário Campo Limpo Paulista. Orientadora: Professora Ma. Andréia de Lima Rafael Quintelia.

**Campo Limpo Paulista**

**2021**

CARLA SALLES CASTRO

LARISSA RENATA CLEMENTE DE SOUSA

**O BRINCAR: COMPREENDENDO SEU PAPEL NO  
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do Título  
de Bacharel, pelo curso de Psicologia do Centro  
Universitário Campo Limpo Paulista.  
Orientador: Me. Andréia de Lima Rafael  
Quintelia

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Componente da Banca Examinadora – Nome, titulação, assinatura e instituição a que pertence

---

Componente da Banca Examinadora Nome, titulação, assinatura e instituição a que pertence

## EPÍGRAFE

*Ou isto ou aquilo*

“Ou se tem chuva e não se tem sol

ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,

Ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,

quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,

ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...

e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,

se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo”.

*Cecília Meireles*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus, as pessoas que contribuíram à nossa formação, e aos professores e familiares que prestaram todo suporte para que este projeto se realizasse, a eles, dedicamos este trabalho.

Em especial à professora Andréia de L. R. Quintelia, por seu apoio durante a construção desse trabalho de conclusão de curso, que contribuiu significativamente para nosso processo de formação.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é buscar compreender, a partir do referencial psicanalítico, o papel do brincar no desenvolvimento psíquico da criança, e discutir seu lugar na psicoterapia infantil. Dessa forma, investiga-se o brincar e suas facetas a partir de diferentes autores, bem como, sua relação com o desenvolvimento físico e psíquico da criança na chamada “primeira infância”. Ainda, que brevemente, discorre-se acerca do brincar no contexto da clínica psicanalítica infantil contemporânea. A partir do estudo desenvolvido junto a teóricos orientados pela abordagem psicanalítica, como Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, dentre outros, torna-se possível ampliar a percepção acerca do papel do brincar para o desenvolvimento infantil, compreendendo-o como fator indispensável e fundamental ao desenvolvimento de aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo e social da criança. A pesquisa realizada aponta, ainda, para aspectos da prática na clínica infantil na atualidade, sendo possível, lançar reflexões sobre as adaptações que muitos psicoterapeutas têm feito, ao se utilizarem dos recursos tecnológicos que estão presentes no cotidiano das crianças.

Palavras-chaves: Brincar; Desenvolvimento psíquico infantil; Clínica psicanalítica infantil.

## **ABSTRACT**

The objective of the present course conclusion work aims to understand, from the psychoanalytical referential, the role of playing in the child's psychic development, and to discuss its place in child psychotherapy. Thus, we investigate playing and its facets from different authors, as well as its interface in the physical and psychological development of children in the so-called "early childhood". Also, briefly, it is also discussed about playing in the context of contemporary child psychoanalytic clinic. This study was carried out by authors and theorists guided by a psychoanalytic approach, Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Woods Winnicott, as well as the contributions of authors such as Arminda Aberastury. Based on the studies carried out, it was possible to broaden the perception of the role of playing for child development, understanding it as an indispensable and fundamental factor in the development of physical-motor, cognitive, affective and social aspects of the child. Even within the research carried out, it was possible to notice that in the practice of contemporary children's clinic, many professionals who are guided by the psychoanalytical vertex are making new adaptations when using the technological resources that are present in the daily lives of children.

**Keywords:** Play; Child psychic development; Children's psychoanalytic clinic.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
JUSTIFICATIVA.....	7
OBJETIVOS.....	9
Geral.....	9
Específicos.....	9
MÉTODO.....	9
1. O BRINCAR E SUAS FACETAS.....	10
2. BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS BASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	14
3. UM OLHAR PSICANALITICO SOBRE O BRINCAR.....	17
4. O BRINCAR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA .....	21
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	26



## INTRODUÇÃO

Atualmente tem se ampliado as discussões sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, atividade predominante na infância. O ato de brincar permite a entrada da criança no mundo simbólico, onde “tudo pode acontecer”. Nesse espaço, o lúdico e a imaginação são dispositivos para criação de personagens, histórias, expressão de fantasias e desejos próprios. No contexto da brincadeira, torna-se possível à criança conhecer a si mesma, compreender a realidade que a cerca, elaborar conflitos, lidar com os seus medos e sua capacidade criativa. Nesta perspectiva, Freud e Klein (1908; 1932, 1955 apud MARQUES e EBERSOL, 2015), “ressaltam a importância do brincar como sendo uma forma de expressão da criança, no qual ela elabora seus conflitos e demonstra seus sentimentos, ansiedades, desejos e fantasias”.

Na prática do estágio com o público infantil, foi possível às autoras desse trabalho, observarem o brincar como uma importante forma de comunicação com as crianças, além de um recurso para compreender seu universo psíquico, o que despertou maior interesse por essa temática. Segundo Winnicott (1975) “no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”.

Entende-se, aqui, que o brincar tem um papel fundamental na constituição do indivíduo, indo além do lugar de distração e entretenimento das crianças. Segundo Pires (1997 apud OLIVEIRA, 2018), “o brincar para a criança não é uma questão apenas de pura diversão, mas também de educação, socialização, construção e pleno desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades futuras”.

No Brasil, o artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança (1989), “garante o direito de toda criança ao descanso, lazer, brincar, as atividades recreativas e à livre e plena participação na vida cultural e artística”. Embora, a legislação garanta esses direitos, na prática, nota-se, ainda, pouco reconhecimento de sua importância na vida das crianças, por parte dos adultos. De acordo com a pesquisa realizada por Carneiro e Dodge (2007), há diferentes visões da infância, alguns especialistas reconhecem as demandas prioritárias da população infantil, sendo a maioria delas associadas as questões de sobrevivência, como “(alimentação, saúde e higiene), formação (educação), convivência familiar e social (moradia, melhoria do espaço urbano e segurança) e garantia do desenvolvimento e da constituição de identidade da criança e do adolescente (as atividades lúdicas, incluindo o brincar, o lazer e os esportes)”,

(CARNEIRO E DODGE, 2007).

O brincar, sendo uma expressão livre do desenvolvimento infantil, vem sendo observado e explorado no campo científico e na presente pesquisa busca-se ampliar a compreensão sobre suas características, os modos de compreendê-lo nos diversos contextos históricos, bem como, explorar melhor seu papel junto ao desenvolvimento psíquico infantil e seu lugar no trabalho do psicólogo clínico junto à criança. Segundo Aberastury (1992), o próprio Freud, “ensinava que uma criança brinca não somente para repetir situações satisfatórias, mas também para elaborar as que lhe foram traumáticas e dolorosas.”

Cabe mencionar que o presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro deles, discute-se o brincar e suas modalidades, bem como, sua importância especialmente na primeira infância, buscando fundamentar os motivos pelos quais as crianças brincam. No segundo capítulo, é abordado o papel do brincar na constituição do sujeito. Em seguida, o terceiro capítulo, trata de uma breve leitura acerca do brincar na clínica infantil psicanalítica. Por fim, no quarto capítulo abre-se uma discussão a respeito do brincar na clínica contemporânea.

## **JUSTIFICATIVA**

“A importância da brincadeira e do ato de brincar, tem-se evidenciado cada vez mais em estudos como sendo uma atividade que vem ao encontro para o desenvolvimento sadio do ser humano” (GOMES et. al, 2006).

Segundo pesquisa, de Fundação Marília Cecília Souto Vidigal e IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2012), “foi perguntado aos pais/cuidadores sobre o que é o brincar e sua importância e as respostas foram: 17% brincar e passear/receber carinho e afeto; 64% levar ao pediatra; 45% amamentar/cuidados alimentares; 20% receber atenção dos adultos; 34% acreditam que a criança começa a aprender ainda dentro do útero, ou seja, apenas 17% dos pais brasileiros concordaram que brincar e passear/receber carinho e afeto é importante para o desenvolvimento das crianças na primeira infância (0 a 6 anos)”.

Ainda, segundo o estudo apontado acima, apenas 17% dos pais ou responsáveis reconhecem a atividade do brincar, estes aspectos ainda são fragmentados com passear e receber afeição no cuidado e desenvolvimento da criança.

Acerca do papel e importância do brincar, junto ao desenvolvimento infantil, temos a

Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu artigo 7º que afirma: “a criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação, a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959).

Em contexto nacional, podemos mencionar a Constituição Federal de 1988, que em seu Art. 227 estabelece que:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (ARTIGO 227, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

Este mesmo direito foi confirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) que no art. 4º estabelece:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (ARTIGO 04, ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DE 1990).

Segundo Thornton; Talbot e Flores (2013), no Brasil outros fatores contribuem para tal distanciamento do real significado do brincar, sendo a falta de espaços público para o brincar (inexistentes ou inadequados), a falta de acesso à natureza, falta de segurança pública saudáveis, e aos desafios espaciais. Alguns parâmetros globais devem ser adotados e que os cuidadores e agentes do brincar sejam capacitados como facilitadores imediatos do brincar para e com as crianças.

Assim, entendemos que é fundamental ampliar discussões e estudos sobre a temática do brincar e sua relevância no desenvolvimento integral da criança.

## **OBJETIVOS**

### **Geral**

Buscar compreender, a partir do referencial psicanalítico, o papel do brincar para o desenvolvimento psíquico da criança.

### **Específicos**

- Pesquisar acerca das contribuições do brincar para a constituição psíquica da criança.
- Contextualizar e discutir o brincar a partir de autores psicanalistas, como Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott.
- Discutir o brincar no contexto da psicoterapia infantil na contemporaneidade.

## **MÉTODO**

O trabalho em questão será desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, constituída de livros, artigos científicos, legislação e materiais pesquisados em bases de dados científicos, disponíveis em meio eletrônico (Internet), como Google Acadêmico, bibliotecas virtuais, sites Scielo e Pepsic, com o objetivo de adquirir maior conhecimento acerca do papel do brincar no desenvolvimento psíquico infantil.

Cabe destacar, que a presente pesquisa apresenta enfoque nos autores e teóricos orientados sob abordagem psicanalítica, como Sigmund Freud (1939), Melanie Klein (1960), Donald Woods Winnicott (1971), bem como, na contribuição de autores como Arminda Aberastury.

## 1. O BRINCAR E SUAS FACETAS

Estudos e pesquisas apontam para uma diversidade de aspectos sobre o brincar da criança, e por diversas vezes alguns questionamentos são apresentados, como: “Por que as crianças brincam?”, ou “Qual a importância do brincar na infância?” Refletir sobre tais indagações parece-nos muito importante para pais, educadores e profissionais que trabalham diretamente com a infância.

A compreensão sobre o que é o brincar, parece-nos, estar bastante associada à concepção do que é infância. Para começo de discussão, é importante tomar nota, de que se demorou para que as ciências sociais e humanas destacassem as crianças e as infâncias em suas pesquisas, tão pouco reconhecê-las como sujeitos históricos e de direitos. As representações infantis no meio científico encontram-se presentes apenas no século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo.

“Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida” (ARIÉS, 1973 apud NASCIMENTO; BRANCHER e OLIVEIRA, 2008).

Como pode-se ver, o autor Philippe Ariés (1973 apud NASCIMENTO; BRANCHER e OLIVEIRA, 2008) apresenta a ideia da infância como uma construção social, apontando que até antes do século XVI não havia período demarcado para cada faixa etária, os corpos infantis não eram respeitados, seus desejos não eram garantidos pela sociedade da época. Somente entre o século XII e XX, que a sociedade inicia as primeiras formulações sobre modelos de infância e sua valorização, que se destacava das camadas da nobreza, enquanto a criança humilde permanecia à mercê ocupando o lugar do labor. (BARBOSA e MAGALHÃES, 2003).

No livro *História Social da Criança e da Família*, Ariés (1978 apud BARBOSA e MAGALHÃES, 2003), afirma que desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIES, 1978 apud BARBOSA e MAGALHÃES, 2003). Outro aspecto a ser destacado pelo autor é que a criança era tida como

um instrumento de manipulação, conforme apresentavam independência das figuras maternas e paternas eram inseridas no universo adulto, do trabalho.

Segundo Barbosa e Magalhães (2003):

“Na sociedade da Idade Média o processo de socialização se apresentava permeando a educação e aprendizagem das tarefas realizadas junto aos adultos, ou seja, a diferenciação etária não era considerada requisito para ingresso as atribuições da figura adulta, devido a questões econômicas, sociais e culturais da época” (BARBOSA; MAGALHÃES, 2003).

Portanto, é com o desenvolvimento da sociedade, de suas diretrizes e a institucionalização da escola que os conceitos de criança e infância passam a ganhar novos significados na sociedade. Isso se confirma, quando estudiosos como Corsaro (2003) declara, é a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, que se cogita pensar em uma infância propriamente dita.

“O brincar faz parte da vida das pessoas desde a infância, e sob essa visão pode-se afirmar que o brincar possui importância para o desenvolvimento global da criança, estando relacionado aos aspectos do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico” (PIAGET, 1998 apud LIMA e BERNARDI, 2016).

Segundo Marques e Ebersol (2015) afirma:

“Apesar de que a importância do brincar na atualidade já esteja amplamente reconhecida para o desenvolvimento infantil, é comum se observar crianças às vezes muito pequenas tendo uma rotina bastante atribulada, tomada por diversas atividades e compromissos, o que acaba dificultando o encontro de espaço e tempo para que ela simplesmente brinque por brincar” (MARQUES e EBERSOL, 2015).

Pode-se dizer que os autores acima reconhecem que outras tarefas inseridas no dia a dia ocupam e substituem em muitos casos o espaço direcionado ao brincar livre, atividades como aulas de natação, balé, futebol, idiomas e outros, sendo assim, também é válido acrescentar que podem ocorrer situações de exploração sexual e de trabalho infantil que se sobrepõem ao tempo e espaço do brincar.

De acordo com Dohme (1998), o ato de brincar da criança está diretamente associado à comunicação com o outro, e ao contato com as emoções, o que favorece o desenvolvimento de

confiança e fortalecimento de vínculos positivos com o mundo que a cerca. O brincar, refere o autor mencionado, contribui para o aumento da capacidade imaginativa e criativa, ampliando seus relacionamentos com os pares, o que, muitas vezes são ignorados por causa do avanço tecnológico.

Entende-se que o desenvolvimento é algo dinâmico, que depende do meio físico e social, como objetos, brinquedos, espaços/ambiente, grupos de adultos e crianças. É a família que ocupa o primeiro ambiente e grupo social do bebê, seus cuidadores. Progressivamente, a criança passa a pertencer a outros grupos sociais, tendo impacto direto no seu desenvolvimento enquanto indivíduo. E nessa interação intensa e dinâmica, que o brincar é a linguagem da criança diante do mundo a ser explorado. Para Carvalho (2016), “Brincar é uma atividade aprendida na cultura que possibilita que as crianças se constituam como sujeitos, em um ambiente em contínua mudança, onde ocorre constante recriação de significados, condição para a construção por elas de uma cultura de pares [...]”. Entende-se que o brincar possibilita novas descobertas, performances, ocupação de territórios, imaginações, fantasias, limites do corpo diante das relações, sobrevivência, adaptação, se modificando nas infinitas possibilidades.

De acordo com Neto e Lopes (2018), a criança aprende com o corpo em ação, sobe, desce, cai, levanta, explora e viabiliza maior compreensão do mundo. Processo de criação, onde as diretrizes são inexistentes, a criança apropria-se do brincar, tal como o brincar se apropria da criança. Nesse contexto, o espaço, tempo, corpos, materiais e significados estão em conexão como um todo e são ressignificados, fruto de um emaranhado relacional intra-ativo.

Neto e Lopes (2018) complementam, “o brincar é adaptar-se a situações inesperáveis, por feitos diversos, no uso do corpo nos espaços físicos e com o outro. Brincar na natureza ou em outro qualquer espaço aberto, é investimento ganho na saúde física e mental na vida adulta”. Além disso, “a brincadeira em outros aspectos pode auxiliar também a criança ao expressar sua agressividade, manter um domínio sobre sua angústia, aumentar as suas experiências, treinar para situações imediatas e futuras além de promover o estabelecimento de contatos sociais” (BROCK et al, 2011 apud LIMA e BERNARDI, 2016).

Para Vygotsky (1987), no ato de brincar a criança desenvolve a imaginação, fantasia e realidade, criando novas possibilidades de expressão, construindo relações sociais com outras crianças e adultos. Desta maneira, podemos dizer que a brincadeira contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, social e físico. Ao brincar e criar vínculos com outras crianças o desenvolvimento intrapsíquico e relacional se amplia. Aqui, concordamos com Winnicott, quando aponta que:

“A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos” (WINNICOTT, 1982, p. 163)

Para Gray (2013), uma criança que se pendura em uma árvore, terá que lidar com a decisão de pular ou não, e neste momento, em realidade, estará tendo a oportunidade de aprender a lidar com o medo e a consequência de suas escolhas. O citado autor, em seu livro “*Freen to learn*”, de 2013, defende o brincar livre, com pouca intervenção do adulto. O brincar livre, em sua perspectiva, seria o principal meio, pelo qual, a criança aprenderia a resolver problemas, a se relacionar e possivelmente tornam-se mais resilientes.

Acerca da relação com o tempo no livre brincar, citamos Abramowicz (2011 apud VERZENHASSI, 2020):

“Seu tempo é o tempo presente, logo, contemporânea, a possibilidade do mundo ser outra coisa, pois contém tudo o que vivemos e lhe será ensinado, mesmo que subjetivamente, e a possibilidade de ser algo novo e inimaginável pelos adultos, pois, já crescidos e regulamentados dentro dos hábitos somos camelos, ou leões, dificilmente crianças. Adultos não se ocupam de despropósitos” (ABRAMOWICZ, 2011 apud VERZENHASSI, 2020).

Meirelles, Eckschmidt e Chung (2016), apontam que o fenômeno do brincar se dá por meio de gestos espontâneos, no estar sozinho, acompanhado, rodeado de objetos, no imitar dos animais e sons. São os objetos mais inesperáveis que se transformam num mundo imaginativo pronto para tomar forma e sentido. O lúdico seria para a criança o facilitador ao lidar com o mundo real e concreto.

Diante do exposto acima, compreendemos que desfrutar desse brincar livre resulta em um movimento fluído e contínuo, em um desenvolvimento de forma global, no qual a criança faz uso de todos os seus sentidos, desenvolve habilidades físicas, sociais e emocionais.



## **2. BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS BASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

As bases do desenvolvimento da criança acontecem ainda dentro da barriga da mãe, é durante o período gestacional que o feto vai tomando forma, passando por diversos processos, até o seu nascimento, pronto para a vida fora do útero materno.

Com base em Winnicott, (1990 apud SILVA 2016):

“Acreditava que, para compreendermos o desenvolvimento humano, seria necessário partirmos de uma observação do bebê desde o período mais primitivo, leia-se, muito antes da experiência do nascimento (em oposição ao “trauma do nascimento”), para então analisarmos a relação do bebê com sua mãe a partir de então” (WINNICOTT, 1990 apud SILVA, 2016).

O bebê torna-se capaz de reconhecer as vozes das pessoas que o cercam e sons que ouvia durante a vida intrauterina, como a voz da mãe. Tudo é novo, grande, o que difere do período que estava na barriga de sua mãe. O processo de desenvolvimento se intensifica através de alterações psíquicas, biológicas e psicossociais que se transformam, a cada tempo e ano de vida. Segundo Berlinski e Schady (2016):

“Essas alterações incluem desenvolvimento físico (mudanças no tamanho, forma e maturidade física do corpo, inclusive capacidades físicas e coordenação), linguagem/comunicação (aprendizado e uso da língua), habilidades cognitivas (capacidade de raciocínio, de resolução de problemas e de organização de ideias) e competências socioemocionais (aquisição do conceito do eu, capacidade de enfatizar e expressar sentimentos e de como interagir com outras pessoas)” (BERLINSKI e SCHADY, 2016, P. 04).

Em outras palavras, o autor descreve os processos de desenvolvimento do bebê até a sua vida adulta, processo para o qual requer tempo, cuidado e atendimento às suas necessidades, por parte dos adultos, especialmente nos anos iniciais da vida. Assim como descreve Winnicott

(1945/1978 apud SANTOS 1999), “ênfatiza que no princípio o bebê não constitui uma unidade em si mesmo. A unidade corresponde a uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente.”

Segundo o Instituto Alana (2017), os primeiros meses de vida do bebê merecem atenção integral, pois é nessa fase que o bebê se desenvolve progressivamente, pela realidade em que está posto, pelos estímulos que adquire e pela qualidade dos vínculos afetivos que vivencia. Fortemente, os primeiros anos de vida necessitam de proteção especial. Sobre tais aspectos, o Ministério da Saúde (2019), reforça:

“[...] primeira infância é o período que vai desde a concepção do bebê até os 6 anos de idade. Pesquisas têm demonstrado que essa fase é extremamente sensível para o desenvolvimento do ser humano, pois é quando ele forma toda a sua estrutura emocional e afetiva e desenvolve áreas fundamentais do cérebro relacionadas à personalidade, ao caráter e à capacidade de aprendizado[...]” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Ainda sobre o desenvolvimento físico intenso no início da vida do bebê, estudo do NCPI- Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (2014), aponta que:

“[...] no período intrauterino, o cérebro começa a se desenvolver entre a segunda e terceira semana após a concepção, seguindo com a formação das primeiras células cerebrais, os neurônios, e das conexões entre os neurônios chamadas sinapses. O cérebro é um órgão de alta complexidade, fundamentalmente composto pelos neurônios e por uma extensa rede de prolongamentos destes que formam circuitos conectando as diversas regiões cerebrais por meio de impulsos elétricos [...]” (NCPI-COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2014, p. 04).

Logo, a FMCSV - Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2020) expressa, que é na primeira infância que o cérebro mais precisa de estímulos, pois 90% das conexões cerebrais são estabelecidas até os seis anos de idade. Isto é, a troca e a interação em grupo, auxiliam a fomentar a atividade cerebral. Quando a criança é negligenciada pelo adulto, muitas ligações entre os neurônios deixam de acontecer, impactando o seu potencial de aprender e se desenvolver. Desse modo, oportunizar experiências positivas na primeira infância cooperam com o desenvolvimento saudável do cérebro.

Acerca do assunto, Assumpção (1987 apud MOREIRA, 2011), afirma:

“[...] O prazer experimentado pela obtenção de sensações agradáveis concentra-se em três zonas características, determinando diferentes estágios, que acompanham a sua maturação e desenvolvimento e se constituem a base do relacionamento entre a criança, a mãe e o meio que a circunda [...]” (ASSUMPÇÃO, 1987 apud MOREIRA, 2011).

Nessa perspectiva, os primeiros anos de vida da criança, são fundamentais para o seu desenvolvimento, período no qual, ocorre maior desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, sendo as experiências vividas na primeira infância que terão influência no decorrer da vida da criança.

Ainda que, os desdobramentos da infância ocorram desde o período intrauterino, é somente na primeira infância que Sigmund Freud, médico neurologista e fundador da psicanálise, inicia os primeiros estudos e discussões sobre a importância de um ambiente saudável no estabelecimento da saúde mental infantil, onde a criança tem seu desenvolvimento psicosssexual de maneira gradativa.

O período da infância e a relação com a Psicanálise por meio dos escritos de Freud se tornam um marco na construção da psicologia contemporânea, acerca das características da infância. Em suas observações iniciais e tentativas de compreender o psiquismo humano, Freud realiza uma fuga dos métodos tradicionais de tratamentos psíquicos e através de ensaios postula a análise da psique, ou mais conhecido como Psicanálise. Ao analisar seus pacientes adultos sentiu a necessidade de estudar o papel da infância na etiologia de seus sofrimentos, o que tornou um de seus principais objetos de interesse.

De modo que Freud (1905), precursor em examinar o mundo da infância desenvolve a obra *Os três ensaios da teoria da sexualidade*, realiza formulações sobre as pulsões, o infantil e fases do desenvolvimento psicosssexual para compreender o funcionamento psíquico inconsciente na primeira infância. Cabe citar aqui o que propõe Freud (1905/1996 apud COUTO, 2017):

“Propõe uma organização sexual por meio de quatro fases de desenvolvimento – oral, sádico-anal, fálica e genital – que vão culminar na vida sexual adulta, em que as pulsões, antes parciais, ficarão sob o domínio da zona genital. Todas as fases organizam um conflito interno típico e um modo de defesa, como no caso da fase fálica, em que o conflito do desejo libidinoso pela mãe precipita o completo de Édipo como sintoma de um desejo incestuoso” (FREUD, 1905/1996 apud. COUTO, 2017).

Contudo, é possível entender que o processo de desenvolvimento difere de uma criança para outra, sendo apontado por muitos autores como um processo dinâmico e não - linear, no qual, muitos fatores podem contribuir para a formação integral do indivíduo. “As crianças experienciam e aprendem no mundo através dos relacionamentos socioafetivos, e estes, por sua vez, influenciam todos os aspectos do desenvolvimento infantil”, (NCPI-COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2014, P. 6).

Dessa maneira, o investimento na primeira infância é caminho para a promoção de qualidade de vida, respeito às múltiplas infâncias e ao tempo da criança, considerando que para o desenvolvimento e formação saudável da criança depende de atenção de todos que estão à sua volta.

### **3. UM OLHAR PSICANALITICO SOBRE O BRINCAR**

Dentro do contexto psicoterápico, o brincar pode ser compreendido como uma forma da criança expressar aspectos de seu mundo intrapsíquico, como suas fantasias, emoções e conflitos, oferecendo oportunidade para que o psicoterapeuta possa melhor compreendê-la e a partir daí, desenvolver um trabalho que favoreça a ela entre em contato com seus conflitos e recursos internos.

Em meio ao Século XX, o brinquedo e o brincar infantil passaram a ser objeto de estudo da psicanálise. Conforme descreve Aberastury (1982), o próprio Freud, em 1909, no artigo “Análise de uma fobia de um menino de cinco anos”, busca compreender os conteúdos inconscientes do brincar, que poderiam apontar para as causas do sofrimento psíquico do paciente em questão. Cabendo lembrar que a partir da observação do seu neto Ernst, que Freud se debruçou sobre o brincar, destacando a repetição no ato do brincar de uma criança. Durante a brincadeira com seu neto de ‘desaparecimento e reaparição’ de objetos nessas brincadeiras.

Para Freud (1920 apud FÜHR,2014):

“descreve em que é relatada a observação de uma criança que jogava o carretel e logo após puxava repetindo inúmeras vezes principalmente quando a mãe saía de casa. O autor conclui que através da brincadeira a mãe vai trabalhando a ausência e nomeia de “For-da”. O jogo funciona em a mãe colocar um tecido na frente do rosto e dizer

“cadê o bebê?”, logo após retirar o pano da frente do campo visual da criança e dizer “achei”, fazendo assim, com que a figura da mãe vá embora e retorno”, (FREUD (1920 APUD FÜHR, 2014).

Para tanto, é nesse processo que sua reflexão se dá na identificação do ganho em suportar não ser amado incondicionalmente por sua mãe, na sua ausência, ele brinca com outros objetos, brinquedos, e ressignifica tal situação. “Da passividade de ser deixado (e ver partir) à atividade de trazer de volta, pelo rito da repetição, uma dança entre o desagradável e o agradável se constrói, e com ela, um sujeito”. (PISETTA, 2017 p. 102). Assim, Freud (1920/2010), reconhece a brincadeira como meio de expressar o conflito psíquico atuante, e sobretudo a capacidade de elaborar o mundo a sua volta. E a repetição tem seu papel na brincadeira, com o objetivo de elaborar a experiência vivida.

Acerca do brincar e do brinquedo, julgamos ainda pertinente, apresentar a ótica de Rodolfo (1990) no livro “*O Brincar e o Significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*”, no qual aborda as diferenças entre o brincar e o brinquedo, descritos como “fio condutor que podemos tomar para não nos perdermos na complexa problemática da constituição subjetiva” (RODULFO, 1990, p. 91). Já na perspectiva do *brincar como espaço das distâncias abolidas*, o autor coloca que “o brincar representa uma função tão essencial, no exercício da qual a criança vai se curando por si mesma, em relação a uma série de pontos potenciais traumáticos” (RODULFO, 1990, p. 213), descrevendo um processo auto curativo expressamente correlacionado ao brincar infantil. E por último, o brincar é visto por ele como desaparecimento simbolizado, estabelecendo semelhança entre o brincar apresentado por Freud do Jogo do Carretel e a construção que a criança realiza sobre a significância do outro.

Seguindo os desdobramentos de Freud sobre a análise do brincar da criança, Melanie Klein, também psicanalista, amplia seu olhar, propondo um modelo de atendimento clínico à criança. Conforme Hinshelwood (1992), a proposta de Klein aponta que a brincadeira da criança no contexto de análise seria a forma de expressão de seu mundo interno, uma maneira de expor ludicamente fantasias, medos, traumas e outros aspectos inconscientes.

Inicialmente, Calzavara (2012) descreve que Melanie Klein se apoia na técnica de manejo freudiana, destacando o elemento inconsciente como preceito fundamental. Posteriormente, Klein aprimora o olhar sobre o brincar como instrumento no desenvolvimento primitivo da criança que desvela o mundo inconsciente e a relação dos objetos. Nessa perspectiva, “o objetivo terapêutico é a integração do eu. Na mesma medida, a relação do objeto

é um ponto de ancoragem para a realização deste tratamento”, (SEGAL, 1975 apud CALZAVARA, 2012). Partindo do conceito de Simbolismo, dentro da teoria kleiniana, a criança diminui seu grau de fixação à determinada fantasia inconsciente e aos objetos (pessoas) que estão associados a ela, gerando por consequência uma troca de objetos negativos por positivos. Reduzindo, seus níveis de ansiedade, por exemplo.

Em seus estudos, Klein (1926) destaca o caso de Ruth, para melhor explicação acerca do simbolismo no tratamento psicanalítico infantil:

“Desta vez, arrisquei-me e disse a Ruth que as bolas dentro do copo, as moedas dentro do moedeiro e os conteúdos da bolsa, tudo isso significava crianças dentro da mãe e o desejo de mantê-las trancadas com toda a segurança para que não viesse a ter mais nenhum irmão. O efeito de minha interpretação foi assombroso. Pela primeira vez, Ruth voltou sua atenção para mim e começou a brincar de maneira diferente, menor tolhida” (Klein, 1926, p. 46-47).

Além disso, a brincadeira, também, oportuniza que a criança se distancie daquilo que a faz sofrer, visto que possibilita que ela explore, reviva e elabore situações que às vezes são difíceis de enfrentar e compreender. Nesse contexto, Freud (1908; Klein 1932/1955 apud MARQUES e EBERSOL, 2015), “ressaltam a importância do brincar como sendo uma forma de expressão da criança, no qual ela elabora seus conflitos e demonstra seus sentimentos, ansiedades desejos e fantasias”.

Ainda, segundo Klein (1926):

“[...]ao brincar as crianças representam simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências, elas entregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão arcaico filogeneticamente adquirido, que já conhecemos dos sonhos, ela só pode ser entendida por completo se for estudada com o mesmo método que Freud desenvolveu, para desvendar os sonhos. O simbolismo é apenas parte dessa linguagem se quisermos entender corretamente a brincadeira da criança em conexão com o resto de seu comportamento [...]” (KLEIN, 1926).

Para Aberastury (1992), a caixa lúdica na clínica kleiniana representa o mundo não-verbal interno da criança, no qual aspectos do inconsciente vão se revelando, por exemplo, na escolha do brinquedo. Desse modo, as associações livres não ocorreriam de forma verbal, mas através do lúdico, tendo em vista, a criança não apresentar, muitas vezes, consciência do que

lhe incomoda e, através do lúdico, no contexto psicoterápico, torna-se possível explorar suas fantasias, medos, traumas, vivenciá-los e reelaborá-los.

Ainda acerca do mundo interno da criança, torna-se importante citar Winnicott (1988/1990 apud FUNGENCIO, 2011), “no início, o bebê não existe como uma unidade díspar do ambiente, enquanto um ego que poderia, então, propriamente, relacionar-se com objetos: Neste estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo, unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte”, ou seja, para o bebê o objeto de desejo é uma extensão dele mesmo, não reconhecendo a figura do outro. Sendo assim o autor, cita fenômenos e objetos transicionais, que permitem à criança suportar a falta da mãe. Considerando Costa (2010), “mesmo se o objeto transicional corresponde a uma falha da mãe diante do apelo da criança, sua função é impedir a emergência da angústia e da interrogação sobre o desejo do outro. No entanto, é a partir desses fenômenos transicionais que o bebê tem a percepção da realidade”.

Em outras palavras, Winnicott (1971/1975 apud MONTEIRO, 2003) define o espaço potencial que proporciona a relação entre a realidade interna e externa da criança, entre o subjetivo e objetividade no vínculo simbólico mãe-bebê, é neste período de transicional seguro para o bebê, que ele produz a confiança em si mesmo e no mundo, tornando capaz de explorar e vivenciar outras possibilidades de vida.

Entende-se, ainda, que na teoria de Winnicott sobre os objetos transicionais, a criança passa a criar “o mundo que se vive”, dando abertura para sua criatividade e à atividade do brincar. O autor ainda afirma, “Nos jogos de crianças pequenas podemos vislumbrar a elaboração imaginativa de suas funções corporais, especialmente num tratamento analítico, no qual entramos em contato muito íntimo com a realidade psíquica da criança, através de sua fala e de seu brincar” (WINNICOTT, 1988).

Dessa forma, pode-se afirmar que nessa perspectiva, o brincar constitui e é constitutivo do sujeito, desde o início de sua vida. Ainda bebê, o indivíduo é capaz de brincar com a sua mãe ou sozinho, e conforme as etapas de seu desenvolvimento, vai se tornando capaz de se relacionar com outras crianças, adultos e iniciando o processo de amizade e entrando em contato, com as alegrias e frustrações do brincar em grupo. O brincar pode ser uma ferramenta de ajuste a estas situações incertas quanto à forma de lidar com o convívio, conforme Winnicott (1985) descreve, “fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim proporciona o desenvolvimento de contatos sociais”.

#### **4. O BRINCAR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA**

O mundo contemporâneo nos apresenta o consumismo e o temporariedade como elementos essenciais para a representação dos tempos modernos. Para elucidar tal colocação, Zygmunt Bauman (1998, apud COLOMBO, 2012) descreve muito bem a modernidade na atualidade, “vive-se, uma espécie de modernidade líquida, fluida, desapegada de promessas ideológicas, compromissos sociais e políticos e com um consumismo exacerbado. Na perspectiva da clínica psicanalítica, o terapeuta trabalha as questões presentes no inconsciente do sujeito, tendo em vista que o tempo vem em contrapartida dessa modernidade presente, destacando o sujeito do inconsciente como atemporal. Para Freud (1975) “Os processos do sistema Ics são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs”, (FREUD, 1975 [1915], p. 214)”.

Fazendo um recorte para a clínica psicanalítica contemporânea, quais são os desafios enfrentados pelos profissionais com as crianças no setting terapêutico, ou seja, na relação entre paciente e terapeuta? Sem a pretensão de buscarmos dar conta do assunto aqui, vamos jogar luz a alguns aspectos dessa discussão. Dessa forma, entendemos ser pertinente falarmos já sobre a chegada da criança na clínica que ocorre a partir do primeiro contato com os pais ou responsáveis. A busca por tratamento não se dá de forma espontânea, advém de comportamentos inoportunos ou desvelamento no desenvolvimento infantil, provocando preocupações aos pais ou responsáveis, a escola e demais profissionais da área da saúde.

Segundo Castro; et al. (2009), a família ocupa um papel fundamental no processo de psicoterapia de crianças, desde os primeiros contatos com ela, mesmo que seja por contato telefônico, a começar do surgimento de muitos discursos e do próprio funcionamento desta família, inclusive as fantasias, ansiedades e conflitos. Por outro lado, a participação dos pais ou responsáveis é fundamental para a consolidação, manutenção e término do processo psicoterápico.

A partir da escuta dos pais e responsáveis, é feito o primeiro contato com a criança, abertura para novo mapeamento de vários aspectos entre a criança e o meio que a rodeia. Desse modo, a psicoterapia infantil se torna um instrumento psicológico qualificado na escuta do sintoma dispondo da relação transferencial para que a criança consiga expressar suas emoções



e a compreendê-las, provocando transformações no mundo intrapsíquico e interrelacional. Para Paiva; Pitanga e Amaral (2021), “o que escutamos tanto na fala dos pais como nos sintomas da criança é que o lugar que a criança ocupa para aqueles pais, muitas vezes traz adoecimento e sofrimento para a criança”. E a partir dessa colocação, o terapeuta ocupa a função de fortalecer e auxiliar a criança na sua capacidade de criar a sua própria demanda de análise, saindo do lugar de objeto e ocupando do sujeito desejante. Além disso, a entrevista com a criança tem a finalidade de conhecê-la, por meio de atividades lúdicas, que abarcam a utilização de brinquedos, jogos e materiais gráficos, que são dispostos sob a forma de uma caixa lúdica, sendo que a escolha das ferramentas de trabalho ficará por conta da criança, sua escolha refletirá na realidade psíquica e o seu mundo interno. “Desse modo, o ludo simboliza para a criança o manejo de suas forças, nesta luta de adaptação e conquista do mundo” (ABERASTURY, 1992, PÁG.70).

Nesse sentido, “o brincar equivale à associação livre e o uso de técnicas expressivas torna-se a via de acesso, de modo que o uso da caixa de brinquedos permite que a criança expresse, através de uma forma predominantemente não verbal, o conteúdo interno de seu psiquismo a partir dos recursos egóicos que possui”. (Reghelin, 2008 apud ALMEIDA E COSTA 2016). Dessa forma, os instrumentos dispostos na clínica ocupam um papel fundamental no processo psicoterapêutico, se tornando recursos essenciais no manejo com a criança. Um aspecto considerável a ser colocado é de quando a aplicação do brinquedo e o próprio brincar encontra-se algum modo comprometido, cabe ao terapeuta oportunizar novas tratativas com essa criança. Um aliado na clínica contemporânea são as novas tecnologias e mídias sociais.

Visto que a contemporaneidade traz consigo inúmeros desafios sob a forma de compreender o universo infantil e as novas adaptações que são realizadas pela sociedade como um todo resulta-se também as transformações que permeiam a estrutura de abrangimento das tecnologias sobre o que é o brincar e as suas facetas para a criança.

Para LEVIN (2007):

“O mundo e a cultura das crianças mudaram. [...]. São outros os brinquedos que lhes são oferecidos, com os quais elas ocupam o tempo. As crianças da atualidade têm outro jeito de brincar, imaginar, sofrer, pensar e construir sua realidade infantil. [...]. Hoje, o fascínio e a sedução exercidos pela imagem estão em posição central” (LEVIN, 2007, pág. 11).

À medida que as tecnologias proporcionam o controle de tudo por meio de aparelhos smartphones, tablets e notebooks, o brincar passa a ocupar o lugar de estimulação do raciocínio da criança. Em síntese, os brinquedos ocupam a posição de regulador da criança que dispõe do brincar através de uma espécie de controle remoto. Conforme descreve Levin (2007), diferentemente da criança que corre, salta, explora seus limites corporais e o ambiente, constrói identidade, exercita raciocínio, vivencia a criatividade e imaginação, ambas em perspectivas diferentes treinam para sua vida adulta.

Com a finalidade de compreender a relação entre a tecnologia e o atendimento na clínica psicanalítica direcionada à primeira infância, Bosqui (2009) e Meira (2003), destacam novos desdobramentos em que a primeira autora adjetiva as crianças que procuram o atendimento clínico psicanalítico como crianças-cópias, pobres de recursos simbólicos e estereotipadas, partindo do pressuposto de que o brinquedo apenas aparece como objeto de consumo. Ademais, a segunda autora, coloca que “a memória do brincar, hoje, encontra-se apagada pelo excesso de estímulos oferecidos incessantemente, em um ritmo veloz e instantâneo” (MEIRA, 2003, p. 75) sendo este aspecto próprio do mundo virtual. Em contrapartida, autores como Bittencourt e Caldas (2007) afirmam existir a possibilidade de continuação da capacidade de descobertas do dia a dia pelas novas gerações, entendendo que a criança utiliza dos recursos dispostos para uma experiência própria original, integrando a interação nas trocas lúdicas de diferentes maneiras.

Segundo pesquisa realizada de caráter exploratório no intuito de proporcionar entendimento sobre como é compreendido o brincar diante das novas tecnologias na clínica psicanalítica e a adequação do uso destas no *setting* terapêutico, Almeida e Costa (2016) apresenta que “a função do brincar é comunicar, de modo indireto, o que se passa na realidade psíquica da criança. E isso é consoante com o que é preconizado pela psicanálise, desde que se consolidou a prática analítica infantil” (ALMEIDA; COSTA, 2016, p. 156). Outro ponto discutido, refere-se aos atributos disponíveis da tecnologia, para os quais os psicólogos orientados sob a perspectiva da psicanálise entrevistados apontam aspectos positivos e negativos.

Inicialmente é salientado a preocupação da limitação da criatividade sob a perspectiva de que o brinquedo apresenta movimentos e falas e que a criança não precisa dispor do recurso da criatividade ou fantasia (ALMEIDA; COSTA, 2016, p. 158). Ou seja, os brinquedos assim como citado anteriormente, assumem a característica de controle sobre as possibilidades do brincar e de como essa experiência é vivida para a criança. Por outro lado, é apresentado a

tecnologia como possibilidade de vislumbre da vida, “a preocupação com o trauma de separação, ou qualquer outra dificuldade trazida pela separação da criança e seus pais, não precisa ser um problema nos dias atuais”, (ALMEIDA; COSTA, 2016, p. 159). Em outras palavras, o uso da tecnologia assume um papel de facilitador na aproximação do contato virtual entre as pessoas diariamente.

A pesquisa citada acima, discorre, segue informando que todos os profissionais entrevistados destacam que em certo ponto do processo terapêutico, as crianças trazem ou solicitam um brinquedo tecnológico, o que para Klein (1982) é comum as crianças trazerem de forma espontânea seus objetos para que a utilização faça parte do trabalho analítico. No entanto, se mantenha o vértice psicanalítico no contexto terapêutico, é preciso que o terapeuta diante do objeto tecnológico, adote uma postura de buscar compreender a função que o item pode ter ali, sua simbologia, suas implicações.

Diante da pesquisa apresentada, percebe-se que o conceito da psicoterapia infantil orientada em psicanálise, permanece de acordo com as referências teóricas adotadas pelos profissionais, concernindo o entendimento de é possível o(a) psicólogo(a) utilizar dos recursos tecnológicos que estão presentes no cotidiano do adulto no atendimento clínico para as crianças a fim de validar os conteúdos inconscientes subjacentes deste processo de simbolização. De modo que, fica a critério do profissional dispor ou não dos componentes como celulares, tablets e computadores, refutando apenas a obrigatoriedade destes na composição da caixa lúdica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente trabalho de conclusão de curso buscou-se compreender o papel do brincar junto ao desenvolvimento físico e psíquico da criança, bem como, seu lugar no modelo de atendimento clínico, sob o referencial psicanalítico.

A partir dos estudos realizados foi possível ampliar a percepção acerca do papel do brincar para o desenvolvimento infantil, compreendendo-o como fator indispensável e fundamental ao desenvolvimento de aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo e social da criança. Além da compreensão do papel do brincar, especialmente nos primeiros anos de vida

da criança, na partilha de significados, conhecimentos, valores que contribuem para a diferenciação eu-outro e a construção da identidade psíquica da criança.

Ainda que brevemente, o levantamento do referencial bibliográfico de orientação psicanalítica tornou possível resgatar o valor do lúdico destacado no capítulo três, do brincar junto à clínica infantil, assim como, identificar as diversas modificações que a técnica psicanalítica sofreu ao longo do tempo desde o seu início. Para tanto, o precursor Freud na análise do caso do menino de 5 anos, que inicia o foco no atendimento clínico infantil. Para com os antecessores citados Melanie Klein, no contexto de pós-guerra, busca compreender os conceitos pelos quais as brincadeiras tinham equivalência à associação livre, e precisavam ser exaustivamente interpretadas, decodificando as brincadeiras dentro da sessão em análise. Há ainda, autores contemporâneos como Winnicott, que descreve o lúdico na psicanálise através do brincar no sobrevir de forma espontânea e conjunta na relação terapeuta-criança desde o seu nascimento, que possibilita a criatividade, a comunicação e o descobrir do seu *self*.

Ainda dentro da pesquisa realizada, foi possível perceber que na prática da clínica infantil contemporânea, muitos profissionais que se pautam pelo vértice psicanalítico estão fazendo novas adaptações ao se utilizarem dos recursos tecnológicos que estão presentes no cotidiano das crianças.

Cabe destacar que se entende, aqui, que novas pesquisas e discussões precisam ser realizadas acerca do lugar de elementos, como celulares, tablets e computadores junto à caixa lúdica e suas representações na prática da clínica infantil na atualidade.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. 8 ed., Porto Alegre: Artmed, 1982.

ABERASTURY, A. *A criança e seus jogos*. 2.ed. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ALMEIDA, M. R.; COSTA, P. J. da. O brincar diante das novas tecnologias na clínica psicanalítica. *Akrópolis Umuarama*, v. 24, n. 2, p. 153-161, jul./dez. 2016.

BARBOSA, A. A.; MAGALHÃES, M. G. S. D. *A concepção de infância na visão de Philippe Ariés e sua relação com as políticas públicas para a infância*, 2003.

BERLINSKI, S.; SCHADY, N. *Os primeiros anos: o bem-estar infantil e o papel das políticas públicas*. Ed. Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2016.

BITTENCOURT, M. I. G. F.; CALDAS, R. O. P. *Brincando na era da tecnologia*. 2007, p. 8.

BOSQUI, J. C. *A criança e o infantil na clínica psicanalítica atual*. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós- Graduação em Psicologia-PPI. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

CASTRO, M.G.K.; STÜRMER, A.; ALBORNOZ, A.C.G. *Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARNEIRO, M. A. B.; DODGE, J. *A Descoberta do Brincar*. Editora Boa Companhia, 2007.

CALZAVARA, M. G. P. *A clínica psicanalítica com crianças: da adaptação a solução em referência ao sintoma*. Belo Horizonte - Minas Gerais, fev. 2012.

CARVALHO, M. C. *A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças na pré-escola*, 2016.

COLOMBO, M. *Modernidade: A construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo*. *Rev. bras. psicodrama* vol.20 no.1 São Paulo jun. 2012.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acessado em 25 de junho de 2021.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 1989. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acessado em 20 de setembro de 2021.

CORSARO, W. *We're friends, right?: inside kid's cultures*. Washington, DC: Joseph Henry, 2003.

COUTO, D. P. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. *Psicologia em Pesquisa UFJF*, P.1-10, jan./jun. 2017.

COSTA, T. *Psicanálise com criança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar. Ano 2010.

DOHME, V. D' A. *32 ideias divertidas que auxiliam o aprendizado*. São Paulo: Informal, 1998.

ECA - ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 06 de agosto de 2021.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In S. Freud, Sigmund Freud, obras completas (P. Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920). Ano 2010.

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. Ano 2006.

FREUD, S. (1975). O Inconsciente. In: Edição standard das obras completas de Sigmund Freud. (Jayme Salomão, trad., v. 14, pp. 191-248). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

FULGENCIO, Leopoldo, A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Paidéia, Vol. 21, No. 50, 393-401. set.-dez, 2011.

FMCSV-FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL e IBOPE Inteligência. “Primeira Infância”, 2012.

FMCSV-FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. Guia Primeira infância em pauta sobre como comunicar a primeira infância, 2020.

FÜHR, F. O brincar e o desenvolvimento psíquico da criança, 2014.

GOMES, A. C. L., et al. (2006). Atividades lúdicas: distração ou promoção do desenvolvimento cognitivo e afetivo? Disponível em: [http://www.enapet.ufsc.br/anais/atividades\\_ludicas\\_districao\\_ou\\_promodcao\\_do\\_desenvolvimento\\_cognitvo\\_e\\_afetivo.pdf](http://www.enapet.ufsc.br/anais/atividades_ludicas_districao_ou_promodcao_do_desenvolvimento_cognitvo_e_afetivo.pdf). Acesso em: 27 fevereiro 2021.

GRAY, P. Gratuito para aprender: por que liberar o instinto de brincar tornará nossos filhos mais felizes, mais autossuficientes e alunos melhores para a vida toda, 2013.

HINSHELWOOD, R. D. Dicionário do pensamento kleiniano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

INSTITUTO ALANA. Infância e tecnologia em tempos de pandemia, 2020. Disponível em <<https://alana.org.br/infancia-e-tecnologia-em-tempos-de-pandemia/>>. Acessado em 20 de setembro de 2020.

INSTITUTO ALANA. Primeira Infância é prioridade absoluta, 2017, p.07.

KLEIN, M. Princípios psicológicos da análise de criança pequenas. Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

Klein, M. A técnica da análise de crianças pequenas. In A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

Klein, M. A técnica psicanalítica do brinquedo: a sua história e significado. In: HERRMANN, F. A.; LIMA, A. A. (Org.) Psicologia. São Paulo: Ática, 1982, p. 177 -136.

LEVIN, E. Rumo a uma infância virtual? – A imagem corporal sem corpo. Editora Vorazes. 2007.

LIMA, J. H. C.A.; BERNARDI, A. B. O brincar como um recurso terapêutico para crianças em saúde mental, 2016. Pós- Graduação de Saúde Mental e Atenção Psicossocial do Centro Universitário para o Desenvolvimento, Vale do Itajaí -Unidavi, 2016.

MARQUES, F. M.; EBERSOL, H. L. A Importância do Brincar para o Desenvolvimento Infantil, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/creche/aunidade/psicologia-1/a-importancia-do-brincar-para-o-desenvolvimento-infantil>>. Acesso em: 27 fevereiro 2021.

MEIRELLES, R.; ECKSCHMIDT, S.; SAURA, S. C. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. Publicado em Marin, E.C.; Gomes-da-Silva, P.N. (orgs) Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar. Editora CRV: Curitiba – Brasil, Ano 2016, vol. 16, 182p. P. 63-78.

MEIRA, A. M. B. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 74- 87, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde de A à Z, 2019. Disponível em : <<https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/crianca> acessado> . Acessado em 08 de julho de 2020.

MONTEIRO, M. C. Um coração para dois: A relação mãe-bebê cardiopata. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC- Rio. Rio de Janeiro, 2003.

MOREIRA, L. M. A. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. ed. Salvador: EDUFBA, 2011, P. 113-123.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A Construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Publicado na revista CONTEXTO & EDUCAÇÃO, Editora Unijuí, Ano 23 nº 79. jan./jun. 2008. P. 47-63.

NCPI- COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem, estudo I, 2014.

NETO, C.; LOPES, F. Brincar em cascais,2. Ed. Câmara Municipal de Cascais, 2018.



OLIVEIRA, V. J. C.; MENESES, A.; SANTOS, M. L. S.; AMORIM, M. L. R. O brincar no processo de aprendizagem na educação infantil, 2018.

ONU – Organização das Nações Unidas. Declaração dos Direitos da Criança – 1959. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracaodos-direitos-da-crianca.html>>. Acesso em: 27 fevereiro 2021.

PAIVA, R. T; PITANGA, C. E. G. A. Desafios Contemporâneos Da Psicanálise Com Crianças: A Função Do Analista. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 06, Vol. 05, pp. 05-35. junho de 2021.

PISETTA, M. A. A. M. Sujeito, objeto e linguagem no brincar. Estilos clin., São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2017.

RODULFO, R. O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.

SANTOS, M. A. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. Psicologia. Psicol. Reflex. Crit, 1999.

SILVA, S. G. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01036652016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01036652016000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em 19 de novembro de 2021.

THORNTON, L.; TALBOT, J. P.; FLORES, M. O Direito de Brincar Um Guia Prático para Criar Oportunidades Lúdicas e Efetivar o Direito de Brincar, 1ª Edição, Maistype, 2013.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VERZENHASSI, C. C. As crianças e seus despropósitos, 2020. Disponível em: <<https://www.casadomeio.com.br/site/as-criancas-e-seus-despropositos/>>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

WINNICOTT, D. W. (1975d). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, O brincar e a realidade (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trads., pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).

WINNICOTT, D.W. O Brincar & a Realidade. Imago, Rio de Janeiro, 1975.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

WINNICOTT, D. W. Fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais, 1985.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Tradução de Álvaro Cabral. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WINNICOTT, W. Tudo começa em casa. O edição junho ri, 1988.